

CINEMA FORA DE FOCO: A AUSÊNCIA DE FOTOGRAFIAS DOS CINEMAS DE PONTA GROSSA¹

Karen Keslen Kremer²

História de Ponta Grossa, História dos Cinemas

Quando se pensa em estudar a história dos cinemas na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, se faz na perspectiva de ter na fotografia um grande acervo imagético passível de análise e interpretação. Porém, na prática, este suporte se mostrou inexplorado e deficiente em quantidade numérica. A cidade então conhecida como Princesa dos Campos Gerais deixou para trás seu sapatinho de cristal: a representação imagética de seus cinemas.

Desde que Droysen (2009)³ e Marc Bloch (2001)⁴ teorizaram acerca de uma ampliação do conceito de fontes para o ofício do historiador, o profissional da história é capaz de transformar qualquer objeto, ação, discurso ou mesmo a ausência de materiais em uma fonte para pesquisa (LEGOFF, 1990). Assim sendo, a fotografia, ainda muito ligada às artes, tem buscado reconhecimento e destaque no meio acadêmico historiográfico como uma fonte passível de análise e estudo.

Apesar de na contemporaneidade o historiador usufruir de uma ampla gama de fontes para seus trabalhos, a maioria destes profissionais ainda se encontra fortemente atrelados a velha concepção de fonte que busca apenas no suporte textual e oficial, a base de seus estudos. O que nega a característica *sherlockiana* do historiador como um detetive da história.

A fotografia, entretanto, ainda não alcançou plenamente o status de documento (que, no sentido tradicional do termo, sempre significou o documento escrito, manuscrito, impresso na sua enorme variedade). Sua importância enquanto artefatos de época, repletos de informações de arte e técnica, ainda não foi devidamente percebida (KOSSOY, 2001, p. 28).

¹ Artigo elaborado a partir do trabalho prático da disciplina Arquivos, Museus e Patrimônio Histórico, ministradas pela Prof. Ma. Elizabeth Johansen em 2014, no curso de Bacharelado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

² Graduanda de Bacharelado em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Cineasta, membro da International Screenwriters' Association (ISA). Fotógrafa premiada. Membro do Assassin's Creed Council. bat.karen@hotmail.com

³ Filósofo, político, tradutor e um dos historiadores alemães mais importantes do século XIX.

⁴ Historiador francês e um dos fundadores da Escola dos Annales.

O pensamento de Boris Kossoy (2001)⁵ exemplifica a tese desta pesquisa quanto a visão de fotografia como algo ainda inexplorado pelo historiador, neste caso, o ponta-grossense. Contudo, temos presenciado iniciativas de universidades, instituições de guarda de memória e do próprio poder municipal visando incentivar não apenas a pesquisa histórica a partir da fotografia, mas também tornar esta arte algo que pode ser produzido pelo próprio historiador. O que significa que ao profissional da história, não cabe apenas estudar a fotografia oriunda dos mais diversos períodos e autores, mas a ele também é delegada a função de ser o fotógrafo da história.



Figura 1 – Portas do antigo Cine Império, em Ponta Grossa, antes de sua demolição em Agosto de 2014. Registro histórico da memória cinematográfica da cidade.
Fonte: Arquivo pessoal Karen K. Kremer, 2014.

⁵ Professor no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Dito isto, o tema central do presente artigo foca-se na seguinte pergunta: quando há poucos registros fotográficos a respeito dos cinemas em Ponta Grossa, qual o papel das instituições de guarda de memória na preservação e disseminação deste registro fotográfico? O estudo de caso comparativo realizado para este trabalho tomou lugar nos acervos da Casa da Memória Paraná, Museu Campos Gerais, Foto Carlos, Foto Estúdio Carlos Demario e Foto Elite, todos localizados em Ponta Grossa, em busca de imagens dos cinemas da cidade.

Utilizando como base principal os escritos de Nelson Silva Junior⁶, Niltonci Batista Chaves⁷ e Marco Antonio Stancik⁸, o presente trabalho almeja discutir a relação entre a história de Ponta Grossa e seus cinemas, bem como, o fenômeno da ausência de registros fotográficos dos mesmos na cidade paranaense.

Monólogo Fotográfico dos Cinemas Ponta-Grossenses

Para um trabalho com fotografia, o historiador deve ter em mente que o suporte imagético não é um registro exato e imutável do real. A própria história é uma construção do historiador, como o brilho de uma tela em uma sala escura de cinema. Do mesmo modo, a fotografia é uma expressão do imaginário, ela não é um retrato completo de uma época, lugar ou pessoa, mas o que o autor da foto quis representar (STANCIK, 2014)⁹.

O fotógrafo induz o olhar a partir de seus próprios referenciais de vida, portanto, a fotografia nunca será o real, mas um recorte do real. Aquilo ao qual o autor da imagem julgou como digno de ser representado. Por exemplo, uma cena cômica presente em um filme de suspense não quer dizer que todo o longa-metragem seja do gênero comédia, assim também é a fotografia. Uma foto do Cine Ópera em Ponta Grossa, não representa todos os cinemas da cidade, cada um possui suas peculiaridades, características individuais, mesmo sendo parte de uma

⁶ Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e chefe do Departamento de Artes Visuais na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

⁷ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor adjunto do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

⁸ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor adjunto do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

⁹ Aula ministrada pelo Prof. Dr. Marco Antonio Stancik sobre história da fotografia, na disciplina de História Contemporânea I do curso de Bacharelado em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2014.

coletividade. Logo, o registro fotográfico de algo ou alguém, não representa uma coletividade homogênea, mas parte do período em questão.

Quando se fala em fotografia, o olhar do fotógrafo não é o único com a intenção de induzir, mas também o quê e quem é fotografado. Quando uma pessoa vai tirar uma foto, ela se prepara; ela quer mostrar quem ela é ou quem ela gostaria de ser, ela possui a intenção de passar uma determinada imagem para o público. Como define Goffman (1985):

Quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim e Radcliffe-Brown, como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade (GOFFMAN, Erving, 1985, p. 41).

Entendemos que há toda uma preparação da própria arquitetura do cinema para ser fotografado. Há as fotos feitas livremente, sem um preparo arquitetônico ou da equipe técnica, registros feitos do cotidiano. Fotos captadas no momento em que o público saía do cinema ou da circulação de pessoas em frente ao cinema. E também há as fotos posadas, onde notamos todo um preparo e organização do espaço físico e mesmo do corpo técnico ou do público sendo fotografado. Por exemplo, a foto de Jacob Holzmann, proprietário do Cine Renascença (CHAVES et al, 2001), que dentre as fotos pesquisadas, aparece posando, sentado em uma das centenas de poltronas da sala de seu cinema.

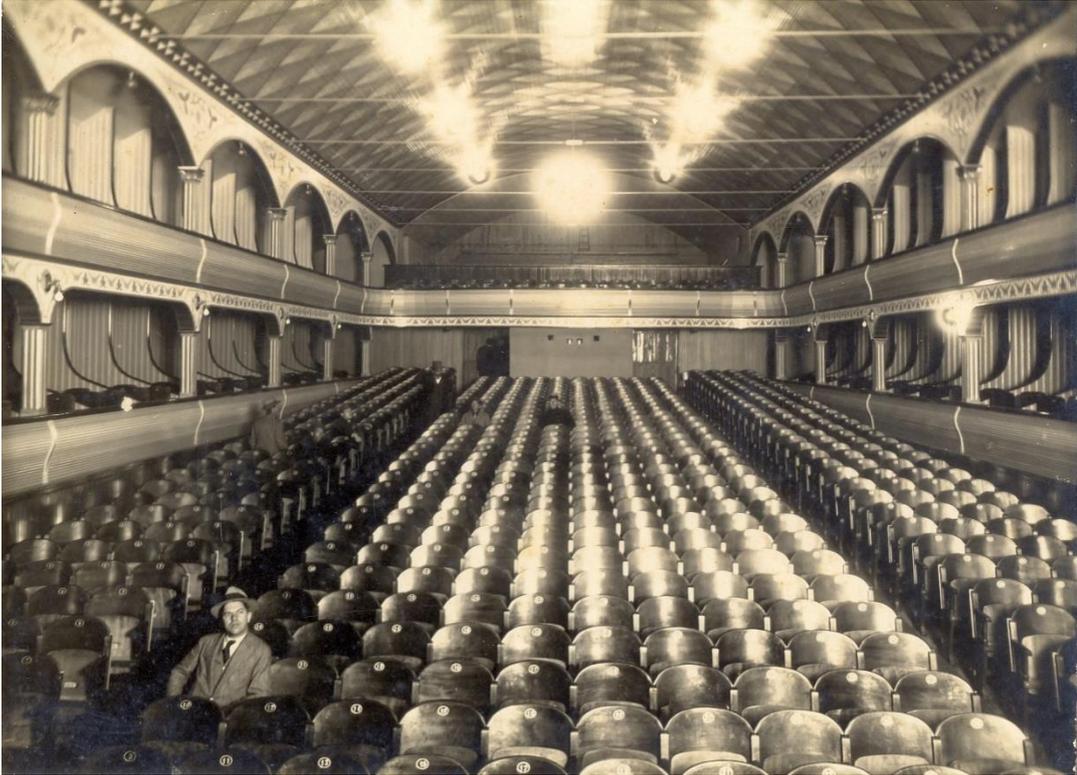


Figura 2 –Jacob Holzmann posa para foto no Cine Renascença. Fonte: Acervo Museu Campos Gerais.

Estes traços abrem questões e problemáticas dignas de análise, porém, para discorrer sobre uma pesquisa semiótica da iconografia dos cinemas de Ponta Grossa é imprescindível a própria fotografia, o que se notou muito ausente.

A Sétima Arte moldou muito dos aspectos centrais da identidade da população ponta-grossense, porém, este processo do nascimento e da morte dos cinemas em Ponta Grossa se encontra quase apagado da história regional. Como se o cinema não fizesse parte ou não tivesse contribuído para o desenvolvimento da cidade paranaense.

Em sua dissertação de mestrado intitulada *O Fechamento dos Cinemas em Ponta Grossa: particularidades de um processo histórico-cultural*, Nelson Silva Junior (2008) faz um histórico preciso dos cinemas em Ponta Grossa, naquele que é o estudo mais preciso e completo sobre a presença do cinema na cidade princesina. Ao narrar e analisar desde a exibição de filmes no Teatro Sant’Anna no final do século XIX ao encerramento das atividades do último cinema de Ponta Grossa, o Cine Inajá em 2001, o autor explora os elementos sociais, culturais, políticos e econômicos que nortearam a presença dos cinemas na cidade.

Usando, em grande parte, a metodologia da história oral, onde se encontra muito do conhecimento acerca deste período de destaque do cinema na cidade: na memória daqueles que frequentaram estes espaços de sociabilidade e presenciaram a ascensão e a queda do cinema em Ponta Grossa. Silva Junior (2008) cria um panorama entre o desenvolvimento da cidade e sua relação com o cinema, mostrando o papel que a sétima arte desempenhou na identidade da cidade de Ponta Grossa e seus cidadãos. Ele afirma: “Estes não representavam apenas um espaço de diversão que se frequentava esporadicamente, mas sim um espaço de convivência quase que cotidiana para as gerações que tinham no cinema a representação máxima do entretenimento” (SILVA JUNIOR, 2008, p. 77).

Apesar do valor histórico do cinema para a cidade de Ponta Grossa e seu significado pessoal na vida de muitos de seus cidadãos, esta importância não se reflete no meio acadêmico historiográfico, que relega aos últimos lugares a discussão sobre o cinema em Ponta Grossa. Não apenas isto, talvez a dificuldade em se encontrar fontes, sejam elas textuais ou fotográficas, contribuíram para uma diminuição ou mesmo falta de interesse pelo assunto. Porém, como profissionais da história nos cabe investigar não apenas aquilo que está à mostra, mas também aquilo que está oculto, implícito e quase invisível (LEGOFF, 1990).

Ao historiador cabe o papel de investigar. Investigar a razão pela qual os cinemas não aparecem na maioria das fotos da cidade. Investigar a iconografia que exhibe cartazes de cinemas dispostos em cavaletes nas ruas da Ponta Grossa do século XX. Investigar a imagem que mostra o cinema num plano geral, escondido em meio aos prédios e novas construções da cidade ou a área que pertenceria ao cinema ainda em fase de construção, em uma cena quase imperceptível em meio a uma fotografia que possui em primeiro plano outras atrações da cidade de Ponta Grossa. É neste que se dá o valor de uma pesquisa historiográfica, na real investigação.

Neste sentido, pode-se perceber o quanto o registro fotográfico dos cinemas de Ponta Grossa se faz muito deficiente e justamente por isto, o papel investigativo do historiador deve se mostrar atuante. Em visitas de caráter de pesquisa realizadas nas instituições anteriormente citadas, pode-se perceber essa lacuna da fonte imagética.

Memória Fotográfica Invisível: Cinemas da Ponta Grossa de 1906 a 2001

Discorreremos sobre a experiência prática na busca por fontes fotográficas dos dez cinemas da cidade de Ponta Grossa, datados do início do século XX ao início do século XXI.

Na Casa da Memória Paraná havia imagens do Cine Renascença (1911), Cine Império (1939), Cine Ópera (1950) e Cine PAX (1964). Imagens estas digitalizadas e com uma média de dois a três registros de cada cinema. No Museu Campos Gerais, o número de fotografias foi maior, como também maior a quantidade de cinemas que possuem registro: Teatro Sant'Anna (1874) – antes da cidade possuir um cinema, filmes eram exibidos no teatro (LANGE, 1998) -, Cine Recreio (1906), Cine Teatro Éden (década de 1920), Cine Renascença, Cine Ópera e Cine PAX. Fotografias estas gravadas no suporte físico, mas passíveis de serem digitalizadas.

Nas instituições comerciais de fotografia, o processo foi variado. A Foto Carlos dispunha de um mural comemorativo do aniversário da cidade com cerca de trinta a quarenta fotos de época, das quais, apenas uma ou duas apresentou o cinema como parte representada, sendo que o cinema não estava em primeiro plano ou mesmo no plano médio, mas encontrava-se no plano geral, em alguns casos, mostrando o processo de pré-construção do mesmo.

Na Foto Estúdio Carlos Demario a situação foi diferente, nela o acervo fotográfico da cidade foi maior, constituído de três álbuns com fotos de períodos diferentes da cidade, entre cinquenta a sessenta fotos cada. Novamente o cinema encontrava-se no plano geral na maioria das imagens – cerca de duas ou três. Porém, na Foto Estúdio Carlos Demario foi possível encontrar uma fotografia do Cine Império em primeiro plano, colorida e localizada temporalmente entre o final do século XX e início do século XXI.



Figura 3 – Sala de espera do antigo Cine Renascença. Fonte: Acervo Museu Campos Gerais.

E por último, o estúdio fotográfico Foto Elite, o qual apresentou o maior acervo sobre os cinemas de Ponta Grossa dentre as instituições visitadas. Nele, havia dois álbuns com mais de cento e cinquenta fotos cada, possuidores de imagens da cidade nos mais diversos períodos históricos, sem mencionar o acervo já digitalizado que apresenta o acréscimo de mais centenas de fotos da cidade. Em meio todo este acervo, foi possível encontrar imagens de quase todos os dez cinemas de Ponta Grossa, exceção unicamente para o Cine PAX e o Cine Caribe (década de 1970).

A partir desta exposição inicial acerca dos acervos fotográficos possuidores de imagens dos cinemas em Ponta Grossa, pode-se notar a deficiência deste tipo de suporte, ironicamente nas próprias instituições de guarda de memória.

As três últimas instituições, de caráter comercial, apresentaram um acervo maior e de melhor qualidade – maior nitidez e resolução, variedade de fotos, fotos em preto e branco ou coloridas, entre outros – porém, por serem instituições comerciais acarretam um custo maior para o pesquisador. Além do trabalho de deslocamento até os mesmos, há o gasto com gravação em mídia digital ou

revelação das fotos nos estúdios fotográficos. Fatores estes que se não forem cumpridos, acarretam no não prosseguimento da pesquisa, uma vez que a maioria destas fotos não são disponibilizadas gratuitamente via *internet* ou, quando o são, não possuem a mesma qualidade técnica da “versão paga”.



Figura 4 – Um dos raros registros do Cine Inajá, último cinema fechado em Ponta Grossa. Fonte: Acervo Foto Elite.

Além de serem poucas as fotografias dos antigos cinemas de Ponta Grossa, unido à questão econômica nas instituições comerciais, outra dificuldade para a pesquisa são as imagens repetidas. Um exemplo são as fotos do Cine Renascença, o cinema com maior número de imagens e textos a respeito em quase todas as instituições visitadas.

Por conta disso, muitos dos acervos possuidores de “várias imagens” não passam de uma ilusão para o historiador, o qual decepciona-se ao se deparar com dezenas de fotografias dos cinemas da cidade, mas apenas vinte ou trinta por cento das imagens são aproveitáveis e inéditas para pesquisa.

Vale salientar que as fotografias repetidas possuem seu valor histórico, elas representam como o cinema era percebido naquele momento e apontam para uma reflexão de por qual razão determinados cinemas desfrutaram de mais registros fotográficos que outros. Contudo, para uma pesquisa acerca do histórico e

reconstrução de uma linha do tempo de todos os cinemas de Ponta Grossa, como proposto por este artigo, as imagens repetidas se fazem ineficazes na busca por mais pistas daquele período.



Figura 5 – Cine Renascença na década de 40, foto disponível na Casa da Memória Paraná e no Museu Campos Gerais. Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná.

Acervos Fotográficos: sem organização, sem contexto e sem acesso

De volta ao tema da precariedade de registros fotográficos dos cinemas em Ponta Grossa, outro ponto que precisa ser discutido é a falta de organização e contextualização das fotografias disponíveis, bem como uma omissão, intencional ou não, de determinadas instituições em não disponibilizar para pesquisa todo acervo fotográfico de cinema disponível para pesquisa.

A começar pela organização dos acervos, em quase todas as instituições pesquisadas o acervo fotográfico encontrava-se guardado de maneira incorreta, tanto nos cuidados físicos, como nas informações apresentadas.

Nos estúdios fotográficos, por não se tratarem de instituições com o intuito da guarda e divulgação da memória, mas sim casas comerciais, não podemos medi-los com a mesma exigência e rigor que um museu, casa de memória ou arquivo,

contudo, cuidados mínimos como higienização e catalogação foram levados em conta.

Na Foto Carlos e na Foto Estúdio Carlos Demario, os acervos fotográficos não apresentavam qualquer identificação. As fotografias encontravam-se amontoadas sem qualquer nomenclatura, numeração e muito menos contextualização. A Foto Carlos tinha todo o material imagético ao qual dispunha em exposição em um mural, diga-se de passagem, numa área relativamente isolada das outras fotografias do estúdio. O que resume seu acervo em, praticamente, um quadro de fotografias na parede.

Já na Foto Estúdio Carlos Demario a situação foi outra, porém, não por isso digna de aplausos. Relativamente mais organizada que o estúdio anterior, na Carlos Demario havia uma funcionária responsável especificamente pelas fotos antigas de Ponta Grossa, entretanto, quando temos contato com o acervo vemos a precariedade no cuidado e no trato das imagens. Sendo as fotos mais antigas, do século XIX, dispostas em um álbum velho e malcuidado, cujas páginas encontravam-se descoladas e algumas fotos soltas e outras amassadas devido o erro na hora da guarda. As fotos mais novas, relativas ao final do século XIX e início do século XX, integravam outros dois álbuns menores, melhores armazenadas e mais bem cuidadas, todavia, sem ano ou qualquer identificação que possibilitasse um estudo mais apurado sobre as imagens. A relativa monitoria também não ofereceu muitas informações a respeito das fotografias e das instituições representadas, atuando apenas como um tratamento formal, especificando serem fotos antigas de Ponta Grossa, mas sem se aprofundar ou dominar o assunto.

Diferente dos estúdios anteriores, a Foto Elite apresentou um trato especial com o registro fotográfico não só do cinema, como de toda cidade de Ponta Grossa. No estúdio, os dois álbuns que continham os registros fotográficos estavam em perfeito estado, dispostos sobre o balcão de atendimento de forma que ficasse ao alcance de qualquer pessoa que desejasse estudar ou apenas folhar e passear pela memória da cidade. No quesito catalogação, as imagens encontravam-se guardadas de modo correto e numeradas, facilitando a seleção de fotografias desejadas pelo pesquisador. Porém, a Foto Elite falha quanto às informações disponíveis sobre as fotos: sem autor, sem data e sem contexto. Apesar de sua disposição higiênica e uma organização numérica apropriada há esta lacuna que é encoberta parcialmente pelo atendimento que também merece destaque. Ávido conhecedor da cidade de

Ponta Grossa, o dono Domingos Silva Souza oferece uma quase palestra sobre a cidade enquanto folheamos os álbuns e trocamos informações, inclusive sobre a história e presença dos cinemas em Ponta Grossa. Vale ressaltar que o acervo fotográfico da Foto Elite não se limita aos álbuns físicos, mas também os virtuais, o estúdio fotográfico possui mais centenas de fotos armazenadas no computador, todavia, menos organizados que o acervo físico.

Voltando-nos para as instituições de guarda de memória, analisadas com mais rigor por seu caráter histórico-social. A Casa da Memória Paraná mostrou um acervo digitalizado aquém das normas e exigências para uma correta catalogação do suporte. No computador, as fotos eram separadas por pastas intituladas pelos nomes dos referidos cinemas; no título dos arquivos, apenas o nome do cinema em questão seguido por uma numeração arábica. Ou seja, sem data, autor ou contexto.

Assim, coube ao Museu Campos Gerais o papel de única instituição que apresentou uma correta catalogação do acervo fotográfico, o que incluía número de registro, descrição, data e autoria.

Então, chegamos ao último ponto observado nas instituições pesquisadas: acessibilidade ao acervo fotográfico.

A começar pelos estúdios de fotografia. Na Foto Carlos o acesso ao material imagético era restrito a forma física, ao pesquisador é vedada a possibilidade de possuir as imagens no formato digital, um paradoxo, visto que as fotografias exibidas no mural estavam armazenadas no computador da instituição. No entanto, na Foto Estúdio Carlos Demario havia mais opções, cabendo ao historiador escolher entre o formato físico ou formato digital das fotos selecionadas, o que incluía a digitalização no mesmo instante das fotos disponíveis nos álbuns. O mesmo processo se repetiu na Foto Elite, onde as fotografias eram passíveis de serem cedidas ao pesquisador tanto no formato físico como no digital. Todas estas instituições comerciais abriram para pesquisa todo o material disponível, a última, inclusive, com auxílio do próprio dono do estúdio, quem buscou no acervo do computador do estúdio fotográfico mais imagens dos cinemas de Ponta Grossa.

Porém, aqui reside uma grande questão: tanto a Casa da Memória Paraná quanto o Museu Campos Gerais não concederam acesso a todo material fotográfico disponível para pesquisa. Algo passível de ser compreendido se o material se encontra numa situação de desgaste ou está passando por um processo de

restauração, no entanto, nenhuma informação ou resposta foi dada para a omissão dos documentos fotográficos.

Em uma busca rápida pela *internet*, especialmente na página do Facebook *PG Era Assim* é possível se deparar com várias fotos as quais não estavam presentes para análise nas duas instituições citadas, sendo que as imagens são pertencentes aos respectivos acervos. Deste modo a questão pertinente é: porque instituições de guarda de memória não cedem para pesquisa todo acervo fotográfico destinado à mesma?

A partir da análise durante a visita à Casa da Memória Paraná e ao Museu Campos Gerais, a razão para isto é desorganização, desinformação e insuficiente catalogação.

Além de serem poucas as fotografias dos cinemas de Ponta Grossa, falta de organização, falta de datação, falta de contexto e fotógrafos sem identificação reinavam absolutos nas fotos digitalizadas do acervo da Casa da Memória Paraná, onde o próprio responsável pela monitoria explicou a falta de uma catalogação precisa de todo material disponível. Assim, muitas vezes fotografias dos cinemas da cidade não estão presentes unicamente nas pastas digitais destinadas ao cinema, mas sim em outras pastas, com as mais variadas informações e temas, mas que não identificaram o cinema como parte integrante de suas imagens. Por exemplo, fotos do Cine Ópera são encontradas na pasta que se refere à Rua XV de Novembro, fotos do Cine Império na pasta de registros fotográficos da Praça Barão do Rio Branco, entre outras situações, o que acaba por limitar e restringir o acesso a todo acervo fotográfico para pesquisa. Lacuna que pode prejudicar o andamento de uma pesquisa que resgataria a própria história da cidade.

Assim, "por considerar que as imagens são prenes de significados culturais e impregnadas de elementos simbólicos, valores, interesses, ideologias". (STANCIK, 2014, p. 447) podemos entender que este relapso no cuidado com as fotografias não é algo em vão, há um significado em tudo isto. As fotografias dos cinemas de Ponta Grossa não representam um interesse das instituições pesquisadas ou, ao menos, não está entre suas prioridades.

Esta falta de interesse e desinformação acaba por prejudicar ainda mais esta parte da história praticamente esquecida de Ponta Grossa. Sendo que este tipo de problema poderia ser evitado se as instituições de guarda de memória tivessem um historiador com ênfase no estudo iconográfico, ao qual caberia exclusivamente o

trabalho de identificação, contextualização, estudo, cuidado e higienização das fotografias. Fossem elas de cinema ou não. Com um especialista na área, o acervo se tornaria mais enriquecido em termos de conteúdo, bem como na indexação e disponibilização para o público. Afinal, nenhum historiador é capaz de saber todos os aspectos da história, por isso a importância de formar um corpo técnico com historiadores especialistas em diversas áreas, capazes de dialogar e identificar informações invisíveis a outros olhos.

Outra lacuna fotográfica dos cinemas de Ponta Grossa é a ausência de alguns e os registros mínimos de outros. Por exemplo o Cine Recreio, primeiro cinema da cidade princesina. Foi encontrado apenas um registro fotográfico do mesmo, um recorte do Jornal *O Progresso* - primeiro jornal de Ponta Grossa (SILVA JUNIOR, 2008) -, quando de sua reinauguração na Rua XV de Novembro em 1908.



Figura 6 –Única foto conhecida do Cine Recreio no jornal *O Progresso*, 18 de Abril de 1908. Fonte: Acervo Museu Campos Gerais.

Apesar da situação precária, o Cine Recreio possui uma representação imagética de sua presença em Ponta Grossa. O mesmo não se aplica ao Cine Teatro São Cristóvão (1956) e ao Cine Caribe (década de 1970), ambos os cinemas sem qualquer remanescente fotográfico de sua estrutura arquitetônica (MIKAELLI, 2008).

Isto acusa o desinteresse no tema, não apenas na contemporaneidade, mas na própria época, dos cinemas em Ponta Grossa. Afinal, esta ausência também é uma fonte. Por que determinados cinemas possuem registros e outros não? Seria a dificuldade ou custo de uma fotografia? Seria um simples esquecimento? Seria a fotografia considerada algo sem importância? Seria a raiz religiosa do Cine Teatro São Cristóvão um motivo para a ausência fotográfica? Seria, por ser o único cinema nos anos 60 a não pertencer à empresa Arco-Íris, razão para não se fotografar o

Cine Caribe? Infelizmente, devido justamente a falta de dados, podemos apenas conjecturar a respeito das razões que podem ter levado a lacuna fotográfica destes dois cinemas, bem como a fragilidade e raridade dos outros citados.

Considerações Finais

Após todos estes apontamentos compreende-se como o registro imagético ainda é entendido como um retrato do cotidiano, uma situação comum do dia-a-dia que não merece valor ou problematização. Este pensamento tão naturalizado pela historiografia relega a último plano a fotografia como fonte histórica, e contribui para um apagamento da história do cinema em Ponta Grossa.

Em uma cidade que teve na Sétima Arte sua principal fonte de entretenimento, desenvolvimento comercial e identidade cultural, lamenta-se os poucos registros fotográficos sobre o tema e como as fotografias remanescentes foram deixadas de lado pela historiografia ponta-grossense.

Certamente são muitos os obstáculos a serem superados para se fazer uma história do cinema em Ponta Grossa. Os problemas aqui expostos são sintomáticos entre todas as instituições visitadas, seja em menor ou maior grau. O que exemplifica como o cinema e a fotografia ainda são pouco valorizados e analisados pelo historiador, não apenas em Ponta Grossa, mas em uma coletividade do meio acadêmico brasileiro.

Deste modo, que o referente texto seja uma contribuição dentro da historiografia paranaense, com ênfase na historiografia ponta-grossense, sobre a história do cinema em Ponta Grossa através do registro fotográfico. Arte também é história.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahard, 2001.

CHAVES, Niltonci Batista (org.). **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

DROYSEN, J. Gustav. **Manual de Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LANGE, Francisco Lothar Paulo. **Os Campos Gerais e sua Princesa**. Curitiba: COPEL, 1998.

LEGOFF, Jacques. **História e Memória**. In: Documento Monumento. Campinas: Unicamp, 1990.

MIKAELLI, Aldo. **Transformação de uma Cidade**. Ponta Grossa: Planeta, 2008.
PG ERA ASSIM. **Fotos da Linha do Tempo**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pgeraassim>>. Acesso em 14 de outubro de 2014.

SILVA JUNIOR, Nelson. **O Fechamento dos Cinemas em Ponta Grossa: particularidades de um processo histórico-cultural**. 2008, 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

STANCIK, M. A. Lina Cavaliere, musa da Belle Époque: representações da feminilidade em cartões-postais. **História (São Paulo)**, v.33, n.2, jul./dez. 2014.